

me pagar, dobroume hū, & outro quanto humanamente podia ser, dandome por sogeyto, o Rey que eu tantas vezes desejara viuo: ornado, & afermoseado quamanho era, de suas larguissimas mãos.

Eys aquy o fundamento de zombaria, & de estratagemas, sobre que Deos fundou o descobrimento de tam incrediuel marauilha. Merçe, que me não quis fazer, se não fora do seruiço do Senhor Dom Antonio: do qual tanto que say, a reçebi, & outras pello tempo adiante, segundo suas dadiuas sem medida.

Vendo eu o grande thesouro em que tinha dado, corroborado com algūas authoridades que tinha descubertas nos liuros: dei parte a Dom Antonio de Meneses, & aos Companheiros. Os quaes, admirados de noua nam pensada, começaramse de aluoraçar, dando ouuidos a ella, ate que a creram de todo, vendo as profeçias clarissimas que a affirmauam. Começamola apregoar em Paris por naturaes, & estrangeiros: escreuendoa eu a Nantes ao Padre Frey Esteuam; a Roma, & a Inglaterra, posto que a tiueram por zombaria, & artificio.

Dom Antonio de Meneses que tinha muyto mais ainda de mereçimentos, que de Fidalguia, (com a não auer mayor nos Reynos de Portugal, & Castella, aos quaes ella, tanto tem honrrado, & esclareçido) abraçou a boa noua de maneira, que morreo por ella. Pareçiamos a nos pollas muytas profeçias, que fallauam no catiueiro, & prisam D'el Rêy: que fora elle catiuo em Africa, mas desconheçido: & que segundo algūas dauam a entender (ao que alcançauamos) que deuia sair la pella parte do Ialofo. Por onde determinamos de ir aa dita regiam, se achassemos remedio pera a viagem. Pera a qual Dom Antonio, (repetimos com causa o que ja atras escreuemos) pollo credito que tinha na Corte de França, começou de aplicar, sem descobrir

de nenhũ modo o desenho : mas sob color de proueito das partes, lhes persuadio que armassem dous, ou tres nauios de mercadoria pera a Mina de Portugal: a fim que embarcando nos todos, & leuando elle o mando: poderemos passar pela costa do Ialofó, & fazer nella nossas diligências.

Armados dous nauios, & prestes, vendo nos que não podiamos executar o desenho por amor da ordem q̃ dauam os Armadores pera a viagem: esteue Dom Antonio de Meneses pera se não embarcar. Todauia acordamos que o não deixasse de fazer: & que iuntamente hũ de nos fosse a Portugal a leuar a noua, & a consultar sobre ella, & sobre as Propheçias, a Religiosa de Annunçiada, de que se então tinha pello mundo tanta opinião de santidade, & de Dom de profeçia.

Pareçendonos isto bem: embarcouse Dom Antonio pera a Mina no principio de oytenta & noue: & Santos Paez, natural de Beja, da Nobreza dos Paez, partiose iuntamente noutro nauio pera Lisboa. Onde chegando, soube logo como a dita Religiosa estaua já desauthorizada. E sendo descuberto, & buscado pella iustiça: não pode effeytuar o segundo desenho q̃ leuaua sobre seruiço do Reyno, em caso que a Religiosa nam aprouasse a noua, nem as profeçias sobre El Rey Dom Sebastiam. Assi se tornou a França com euidentissimos perigos de sua vida. Foy soldado na India, & estando despachado pera ella, quisse antes perder pollo partido de Portugal; que ir lograr o despacho.

O qual depois de El Rey Dom Felipe ser ja senhor do Reyno: este[ve] preso muytos meses no Limoeiro de Lisboa, polla mesma causa. Da qual prisam saindo, veó buscar o Senhor Dom Antonio a estas partes, donde o tornou logo a mandar em seu seruiço, a Portugal. Finalmente fez a ultima viagem a elle deste reyno de França, pollo seruiço D'El Rey Dom Sebas-

tiam: que quando o elle mesmo mandara: não se soubera mais arriscar, nem fazer mais pollo seruir. Pera seruiço do qual Rey, em qualquer cousa que fosse: lhe sobejaua Amor, Zello, Animo, & Lealdade.

Dom Antonio de Meneses, chegando aa costa da Mina falleçeo de febres no verão do mesmo anno em que pera ella partio. O qual se so com hũa opinião muy escura de ser o seu Rey viuo: foy morrer por elle, indo aas cegas, & aas palpadellas buscallo por mares, & costas de barbaros: lançando por y sua reputaçam, sem fazer caso de sua pessoa, nem lhe dando dos ditos dos homês contra sua honrra, polla indinissima viagem na opinião delles, que não sabiam de sua empresa: & que altissimamente se ririam quando a soubessem. Que fizera hũ tam raro espirito de Meneses, se fora viuo neste seu appareçimento? Finezas fizera tamanhas como a obrigaçam de vassallo pera com tal Rey: não mereçendo nada menos por ellas: que o titulo de Rey dos vassallos. Leuemme em conta estas digressões, & repetições, pois saem de occasiam tam illustre & gloriosa.

Fim

Do cap. 8. do 5. liu.

*Do que passaram todos os Quatro Companheiros
em Paris.*

Capitulo Nono

Como hũa das prinçipaes pretensões, que tenho nesta escritura: he de publicar minha pobreza, & miserias, em que me quero gloriar, pois não tenho outra tapeçaria em casa. Não posso deixar de contar pollo que me coube na minha parte, o que passamos em

França em quanto nos não separamos os quatro Companheiros nomeados.

Chegados a Paris, ouue Dom Antonio de Meneses trezentos escudos, que lhe deu o Duque de Ieosa, cunhado de Sua Magestade Christianissima ¹, da qual queria auer pera elle & pera mī duas pensões; mas logo apos a nossa chegada, o mataram na batalha de Cotraz ² contra os Huguenotes. Gastado o dito dinheiro, começamos entrar em tormenta sem auer donde nos remediar. De modo, que pella festa de Natal de Oytenta, & oyto, não tiuemos pera comer, que pão, & hũa vez de vinho; & ainda isso fiado. Fomos constangidos a ir Santos Paez, & Manoel Vaz a hũa certa casa de iogo, pera prouarem ventura: com a qual nos sustentamos todos muytos meses muyto pella fieira, com perpetuos sobresaltos da dita, ou mofina de cada dia. Os quaes como não tinhã cabedal, nem credito pera grandes emprestimos, senão so pera pouquidades: não se ousauam de se auenturar, nẽ de se embarcar em iogo grosso: se não somente em leue & de desemfamento: donde hiam tirando algũa miseria pera as bocas de todos: & outras vezes muyto desgosto, & desesperaçam por perderẽ o pobre cabedal.

Viuyendo nos deste modo, partiose Dom Antonio de Meneses pera Normandia a negociar a viagem açima mençionada, & Manoel Vaz pera Nantes, sobre hũ certo aluitre, que não teue effeyto; poronde se tornou, & se foy pera Dom Antonio, que o chamaua, & queria ter consigo. Era Manoel Vaz de Vargas de Setuuel, muy valente de sua pessoa e bom soldado, brando de condição, sofredor, amigo de todos, & de bem fa-

¹ Duque de Joyeuse, casado com uma irmã da mulher de Henrique III de França.

² Coutras, em 20 de Outubro de 1587.

zer, muy bem quisto de todos os Portugueses; amado, & estimado dos senhores, gentis-homẽs, & mais Françeses que o tratarão, & conuersarão; & isto polla proua de sua pessoa que deu entre elles, & polla sua verdade, honrra, & primor com que sempre proçedeo.

Seguio o Senhor Dom Antonio des do começo; perdeo-se na ilha Terçeira: vindoho buscar a Frauça por duas vezes. Ao qual seguio, & seruió sempre, até o deixar em Inglaterra & se vir com nosco. Andou nas guerras de França, donde se reduzio ao seruiço D'El Rey de Castella, que lhe fez merçes, & se seruió delle em carregos, que lhe deu no Reyno de Portugal.

Santos Paez, & eu ficamos em Paris, fazendo a mesma vida que todos iuntos, andando Santos Paez como pasmado, & desacoroçoado, por ver a pouca dita que tinha ao iogo, & ainda essa, patifa. Assi nos soctentamos algũs meses, te o de Setembro, ou Outubro de Oytenta & oyto, em que fomos ter com Dom Antonio de Meneses, depois de nos mandar duzentos escudos pera pagarmos os alugeis da casa. Porque nnnca deu o iogo de si a Santos Paez, nem a Manoel Vaz (posto que ao derradeiro deu muy differentemente depois de separados todos) pera os podermos pagar: nem ainda pera estarmos seguros de hũ dia pera o outro, & sem o tributo de sobresaltos. Por onde não o ouue nunca pera vestir, nem mais que escassamente pera a boca; & mais, quando quer que o auia.

Eu duas cousas não soube nunca fazer, nem sei: que sam grangear e aquirir. E assi dizia aos Companhiairos; que eu não tinha nenhũa habilidade pera auer dinheiro; por onde não fizessem conta de mĩ pera isto. Não saberei emcareçer o grande cuydado, & pensar, em que de contino estaua, por ver que nos era necessario separarmo nos todos, seguindo cada hũ sua fortuna, polla impossibilidade do remedio pera todos.

E tomava eu muyto em caso d'honrra, & o tinha por grande afronta q̄ não sentia pouco: sostentarmonos de iogo: sem o onsar a dizer. E mais foy hũ grande meo com que nos Deos quis valer: não querendo tomar outro, nẽ nos dando senão so pera cada dia: auendo se com nosco como cos filhos de Israel, que lhes não daua o maná, que era a sua sustentaçã, senão so pera o dia presente.

Do que padeço o Author, depois de separado dos Companheiros.

Capitulo Decimo

Por morte de Dom Antonio de Meneses, separados os que ficamos: entrei então no mar largo dos trabalhos, miserias, & desabrigo. Passei grandes miserias, grandes fomes, grandes frios, que os ha ca mortaes; & finalmente falta de tudo. Conforme a este estado de fortuna, respondiam os desprezos, a pouca conta, a estima, & a valia da pessoa: que he o que mais sente, quem tem algũa honrra, saber, & opinião. E ham de saber, que ca por estas partes tanto val cada hũ quanto tem; & tam vil, & de nenhũa valia he; quanto menos tem. Porisso por mais rico que hũ seja: se vem a quebrar ou a empobrecer: não he mais visto, nem ouuido na terra. E não ha nenhũ tam baixo, tam pobre, & tam ascaroso em raça, & condiçam de vida: se vem a ter ventnra pera valer, & triumphar: não ha grande, nẽ pequeno que lhe não faça a corte, sem lhe cheirarem mal os trapos donde se tirou, nẽ lhe dar nada do monturo donde veo.

O que mais espantara, he: que por melhor que se trate hũ: se souberam que não he aquillo d'elle, & pollo elle ter: se não por auer quem lho de por sua liberdade, ou pollo que quer que for: nenhũa conta

fazem delle: dizendo logo que não tem ceítíl nẽ real. Pollo contrario, trata-se, gaste, & alardee quem quiser, inda q̃ seja de esmollas, comtanto q̃ se não saiba, & se cuyde que he aa sua custa, & do seu: não auera quem não ponha os olhos nelle, & se preze de o conhecer, & conuersar. So o dinheiro da ca as honrras, & a valia: comprindose bem aquelles dous versos de Ouidio, que dizem:

Iu pretio pretium nunc est: dat census honores:
Census amicitias: pauper ubique iacet.

Toquei as ditas teclas pera que vejam o que me cabe. Ca como Diogo Manoel he muito conhecido, & andamos de ordinario ambos iuntos: quanto mais elle he conhecido: tanto o sou eu mais por pobre, sabendo todos que não tenho mais que o que me elle da. Porque ca em conheçendo hũa pessoa: logo a primeira cousa que perguntam: he se he rico, & o que tem: & por i medem o demais. E assi milhares de vezes passando por algũs dos que me conhecem por via de Diogo Manoel: viram os olhos pera outra parte, ou os poem no chão, por não quererẽ a minha barretada: tazendome algũs algũas descortezias; & mais bem fracos pãnes. Deixo o que de mĩ diram, & a conta em que poderam ter todos es seus amigos, que cuydam que a doudiçe D'El Rey Dom Sebastian, eu sou o que lha meti na cabeça, & lha sustento.

Quando eu era menos conhecido; era mais honrado, porque ninguẽ atentaua em mĩ: & sem cõparação então muyto menos padecia. Se eu professara despresos, não tinha que me queixar pois auia tam boa nouidade delles. Mas buscar o mundo contra a opinião do mesmo mundo, & sofrello, & aturallo: não deuia de custar pouco a quem tinha honrra. Ouso di-

zer que criou Deos a poucos desde sua mininiçe, como a mī, como quem sabia o que me estaua por vir. Assi lho soubera eu reconhecer. Como não soube nunca que cousa era ter, vestir, comer, vaidades, criados, estimas: senão somente sempre necessidades, falta, vestido simples & mesa de collegio, viuer apagado e ingrime, apoucado & sem nome: acostumado a isto, não sentia tanto os vay & vens da fortuna, & da opinião: sofrendo, e dissimulando bem com todos os descontos da vida, sem estranhar fome, sede, lazeira, extremas necessidades de comer & vestir; abatimentos, & desesperações humanas. Aiudandome grandissimamente a leuar tudo isto suauemente, a esperança que tinha em Deos de me amanheçer algũa hora. Já, depois de dar na marauilha D'El Rey Dom Sebastiam: foy o mais goloso conduto dos meus trabalhos, achando muyto mayor o gosto que elles.

Se eu quiser a mundo de ca polla moeda que se elle da: não tiuera tanto que contar. Mas como Deos me assistio tanto, que me pegou hũa determinaçam inuiolavel de não ir contra consciencia, nẽ contra honrra por nenhũ preço da vida: não pude deixar de não padeçer muyto polla conseruar: dando de mão a todas as cõmodidades sem ella. E com todas as causas & acções pera pedir: por ser contra meu natural, & contra minha opinião, não fuy grande pidão por estas partes. A nenhũ Portugues da fortuna do senhor Dom Antonio, em quanto elle viueo; ja mais pedi çettil, nẽ real querendo antes padeçer, que pedir. E algũa pouquidade que algũs amigos meus me offerecerã, & deram por força: aceitei bem contra minha vontade, pera çertas necessidadesinhas.

De El Rey de França Henrique Quarto, reçebi duzentos escudos pera o poder seruir nũa empresa. Da Raynha Isabel de Inglaterra, quando fuy ter com

ella pera meter a mão sobre o preso de Veneza : não alcancei nada, com lho pedir. So Milor Joam Estanope (pronunçado aa Portuguesa) me deu algũs vinte cruzados: com o qual eu corei pera com a Raynha. E posto que inda então não era feyto Milor, nê do seu Conselho: o foy depois por seus mereçimentos, como principalissimo gentilhomẽ da sua Corte. Em Hollanda os Estados Geraes me mandarã dar não sei quanto, que me não lembra, pera pagar a hostelaria. Monsior de Xata, Gouvernador de Dieppa, me deu dez escudos, & o Abbade de Tiron, muy conhecido na França, outros tantos. Françisco Anrriques dos Bem-talhados do Porto, mercador Portugues, & morador de Paris, me deu tambem dez escudos: o qual fez muyto bem a muytos Portugueses, acodindo tambẽ com çincoenta a Dom Antonio de Meneses. Tudo isto he o que ca pedi, & reçebi, sem fallar no de Diogo Manoel, nem em vinte escudos que Lopo de Sousa vindo aqui deixou [a hũ mercador Portugues desta çidade, pera mĩ, quando me eu aprestaua pera ir a Veneza.

Por remate das minhas fortunas, não posso calar a do frio, que foy muy grande, & continua, enchendome de infirmitades não pequenas pera toda a vida. Sam os inuernos destas terras muy frios, muy humidos, & muy compridos; que nem aos naturaes perdoam, causando nelles muytas, & graues, & diuersas doenças, & infinidade de mortes, como o prouarã tambem os nossos Portugueses. Eu como vim na flor da idade, & era de meu natural grande sofredor de tudo: passei muy grandes frios, & gellos, por andar sempre mal enroupado, & pouco comer & auer pouca cõmodidade de fogo, que he todo o remedio de vida nestas regiões, do Norte. E o que me mais arruinou a saude; foy, não me querer, des a minha vinda a ellas, chegar a elle quando o auia, por me acostumar ao frio, de que

era grande sofredor: marauilhandome dos que não podiam com elle, & do mal que nelles causava.

Muytos annos viui desta maneira, hūs por me não querer chegar ao fogo quando podia; & outros pollo não ter, ou muyto pouco. A proposito da materia contarei hũa cousa incrediuel, & monstruosa pera ca: que pode ser não aconteçeria outra tal a nenhũa pessoa. E he que nū anno de grandes gellos, me não cheguei nunca a fogo, andando despido, & sem ter que comer, que algũ pouco de pão de legumes, em hũas sopas de azeite. Vendome assi hũa velha minha hospeda bem pobre, me importunou por vezes que me chegasse ao seu lar, tam pobre como ella: que eu nunca quis fazer, se não foi hũa so de impórtunado. A qual me dizia que eu viria cair ao diante em grandes males de frialdade, como me aconteçeo, & vou pagando cada dia, mas muyto mais dobrado nos inuernos. O que baste por agora de mal te vir outra occasiam.

Fim

Do cap. 10. do 5.º liu.

.....

Depois de começar este Tratado, estiue algũs çinco meses sem poder dar hũa penada por causa de hũa grande infirmitade hya mal. Hoje treze de Mayo de seis çentos e vinte & tres, o acabei com a ajuda de Deos, em casa de Diogo Manoel, nesta çidade de Paris. Se se achar algũa cousa nelle que não pareça bem aa Santa Madre Igreja Catholica, Apostoltca, Romana: eu me sogeito aa Sua correiçã & quanto se achar feyto por minha mão.

Fim

Do capitulo dezanoue do quinto livro,
e de toda a Obra dos Portugueses de Veneza.

Dom J.º de Castro

VIII

Poema de Bocarro

Monarchia Lusitana Anacephaleosis 4.º estado Monarchico, Heroico, e particular. Ao excellentissimo senhor Dom Theodosio segundo, Duque Bragança, Braçellos. Marques de Villa Viçozza, Conde de Orem, Arayolos, Neiua e Penafiel, senhor de Montalegre, Monforte, e Villa de Conde, Condestable de Portugal, e Duque nas Hespanhas por excellençia.

(EXTRACTO)

[Fala uma ninfa, que com um escudo na mão se dirige a D. Teodósio:]

5

Recebe ó Duque Regio, o forte escudo
Do consorte de Venus fabricado
No qual tem com pinçel, não baixo ouuido;
De teus Auós o Imperio dilatado;
Qual o forte Abantrades, que tudo
Co de Pallas vençia, o patrio estado,
Tu podes restaurar, Duque famoso,
Com este, e com teu animo orgulhoso.

6

Pois que somente en ti, o fado inico
Dos Reyes da Lusitania descendença
Conseruou, e en teu sangue, que amplifico,
Se respeita dos Lusos a excellença;
Pois he contigo o Reyno honrrado e rico,
E en ti só se sustenta a preheminença,
Que ganharão no mundo, ha tantos annos,
Os Reys, por que hora choro Lusitanos,

7

Obrigaçãõ te nasce de amparares,
 Serenissimo Dùque, o Imperio triste,
 De seus Principes orfam, se olhares
 Que de todos a gloria em ti consiste;
 Em ty só que illustrando os patrios fares,
 Donde, de insignes Reys, o nome ouuiste,
 Mostras, dos Reys passados, na excellençia
 Que o nome se perdeo, mas não a essençia;

8

A essençia en ty grãõ Duque considero
 Porque não se estinguir, estando uiua
 A caza de Bragança, que uenero
 Como a mesma dos Reys, igoal e altiua
 E se aquella faltou, com tudo espero
 Que como della a tua se deriva
 Que nella se restaure, e se engrandeça,
 Que na antiga grandeza inda floreça.

.....

17

Falla a bella Nimpha, e offerecendo
 Ao Duque Serenissimo o Escudo
 Não quis nunca aceitalo, conhecendo
 O Reyno em seu louuor, e gloria mudo;
 Não quero respondia, nem pretendo
 Dos Imperios grandeza, porque tudo
 Do Luso, e Monarchia declinada
 (Culpa do fado iniquo) estimo em nada.

18

Gouerneo seu Monarcha a quem direito
 Supremo poder deu, porque a uerdade
 Me respeite, ainda mais, varão prefeito,
 Que ambicioso senhor de potestade:

.....

19

Mas a Nimpha, dos Astros incitada,
Apenas adiante o pee mouia
Com o quinante escudo, sobraçada
Para dallo, a quem só lhe competia.
Quando uiu junto ao Duque sublimado,
(Cujo cabelo, sem queimar, se ardia)
Imagem, corruscando a caza toda,
Doutro modo girar da sorte a roda.

20

Troou logo o grão Joue á parte esquerda,
Aos Lusos abalou de toda a parte.
Da Regia, e Duqual caza ao sangue que herda,
E fas (se ouue hũa uox) piadoso Marte;
Este restaurará do Reyno a perda
Levantando por si nouo estandarte,
Sendo mayor, que os Pays sem uão reço
Que assim Achilles foi mais que Pelleo.

21

A Nimpha, alvoroçada, lhe apresenta
O Reyno, em seu escudo debuxado;
O soberano Principe o sustenta
Em seu braço fatal dependurado.
Sessar fez logo a misera tromenta
E da patria fiel o adverço fado,
Amor he tudo ja, tudo he bonança
Com esta, dos Lusos unica esperança.

.....

23

Eu o uy, Lusitanos, não me engano
Já temos ao Monarcha descoberto,
Alviçaras me dai do soberano
Bem, que aqui nos descubro, firme, acertó,

Eis restaurado o Reyno Lusitano
 O tempo se accelera, breve e perto,
 Se bem já se accumulã mil perigos,
 Porque potentes tem seus Inimigos ¹.

IX

Luz pequena lunar de Bocarro ¹

(EXTRACTOS)

Fragmento 4.º da luz stellifera.

Este quarto fragmento mostra que ha de ser este Rey, que alguns chamão encuberto, não por estallo, mas por entonções se descobrir cõ mayor grandeza, e se aleuantará esta Monarchia. Vy os nacimentos daquelles a quẽ me parecia tocaua; confirios cõ as couzas celestes externas dos Reinos, ponderei os uaticinios que sobre elles ha; de tudo colligi, o que neste 4.º Anacephaleose digo: dando lus das estrellas, que lhe pertencem, se alumia deste modo será Portugues.

Seu nome não he algũ dos aqui referidos; e disto explicarei o equiuoco dos seBastianistas; que ainda que o entendemos os que o somos; que ElRey Dom seBastião não morreo na Batalha de Africa; (pois temos disso demonstratiua certeza) cõtudo esperamos por elle para o dominio de Portugal; Rey temos nelle; por ElRey Dom seBastião entendemos seu sangue e uerdadeiro herdeiro, e porque tambem, em hum seculo de seu nacimiento se cumprẽ os meus pronosthicos sobre este Reino. Nação no anno de 1553. até o anno

¹ Extraído do *Jardim Ameno*, Cod. n.º 774 do Arquivo Nacional.

¹ Idem.

de 1653. pronostiquei o nome deste Principe; Mal se pode Astrologicamente dizer; mil uezes estiue para o nomear; mas pareceo-me temeridade.

Na oitava 84, digo que tras em seu nome o ferro, e fogo. . . o Autor deste pronostico, ou vateçinio foi meu terceiro avoo, em tempo delRey Dom João o 2.º. chamado D. N. Rosales, e como era muito amigo dos Infantes, filhos do Infante Dom Fernando, correo a mesma fortuna que elles, e depois da morte do Duque no anno de 1483, em Mayo prognosticou que estando Portugal cahido, hum da caza, e sangue do Infante o auia de restetuir; e todos dahy depois, o entenderão pelo filho Dom Gomes, filho da Infanta Dona Isabel, e do Duque Dom Fernando, conforme o acordo feito cõ o Reino, e ElRey Dom Manoel em 13 de Mayo de 1496, não só por ser filho da Infanta Dona Izabel, mas principalmente por ser treceiro neto por linea recta masculina do Infante Dom Affonço, primeiro Duque de Bragança, e filho delRey Dom João o primeiro, e como tal lhe pertença o Reino, não tendo ElRey Dom João filhos; isto achei assim escrito nos nossos papeis. E entrando o anno de 1618 na torre do Tombo achei a copia do acordo, e a dobrei, mas no anno de 1622, não estaua alli. Ouve nisto malicia, mas a causa he clara e certa, até nos Autores hebreos Portuguezes daquelle tempo, que erão do concelho de estado delRey ainda que já christãos; depois ElRey Dom Manoel teue tantos filhos que não ouue lugar para que a caza Duqual, que se reputa pela dos Infantes de Portugal (como verdadeiramente o he) sobisse ao Reino, e o sentido daquellas palauras, conforme hum liuro, que uy da caza de meu Auoo (ao qual todos seus filhos dauão muito credito) he que aquelle senhor Rosales dizia nellas, que o nome, e forma do encuberto Principe se auia de manifestar, e apregoar

por elle, e isto disfraçou cõ o nome de ferro, e fogo, que na lingua sancta ferro, se chama Barzel, e o fogo es, tudo iunto dizia que pode dizer Be, rozales, que he que pello Rozalles seria manifesto seu nome, e esta he a uerdadeira origem daquellas palauras, prognostico, ou uatecinio. Mas se meu assendente o diser pelo Duque Dom Gomes, pela amizade que cõ o pay teue: eu que sou tambem Rosales, o applico ao nosso encuberto, que será da mesma geração, pois a dos Reys he tambem daquella caza e ha muitos annos que com feruor de meu animo apregoo a este Principe, (como sabem os Governadores Portugueses) mouido destas palauras de meu Auoo, e de meu estudo, e o descobri no 4.º Anacephaleosis tão claramente que pode apontarsse cõ o dedo; se bem Eu nunca o uy, mas sou como a mão do Relogio, que aponta as horas, e o sino as daa; e cõtudo espero ainda uello, e contar seus efeitos e grandezas; e restituir as chronicas daquelle Reino que tem neceçidade de minha correção diligencia, e uerdade.

A meza do Paço a instancia dos Castelhanos mandou por seu meirinho a Domingos fernandez liureiro na campainha, que tinha alguns dos primeiros ja impressos, para os destribuir por minha ordem, que não uendeçe nem se continuaçe a impressão dos outros. Em 20. de Mayo de 1624, recolhi os originaes, por andarem os Castelhanos para avellos a mão, dizendo, que incitaua ao pouo, a que se rebelasse contra ElRey, e muito mais se doeram do 4.º Anacephaleose que uirão en casa do impressor, dizendo que prouocaua ao Duque de Bragança a ser Rey, e aos fidalgos, a seguirenno; e não causou isto tão pouco trabalho que o Doutor Gabriel Pereira de Castro Corregedor do Crime da Corte, me não fizesse estar prezo no tronco, mais de dous mezes, fingindo ser outra a cauza; e

queixandome Eu depois a elle me disse, que me calasse, pois tiuera atreuimento de fazer aquelle liuro, e que elle tiuera ordem dos Governadores para se proceder contra my com muito rigor, mas que agradeçesse aos fidalgos amigos que por mim falarão, e a reputação do Duque de Bragança; eu lhe respondi, o que tambem disse a hum Portugues acastelhanado, que o Senhor Duque Dom Theodozio não quisera ser Rey nunca, como se sabe, nê o ha de ser, que he principe quieto, e não aspira a esse estado, e que no 4.º Anacephaleose escreui, o que o furor poetico, e Diuino e Astrologico me ditou; não para adular este Principe, e adquirir seu fauor, pois athe oje não lhe faley, se bem meus parentes ha mais de quatrocentos annos, que seruê a sua caza; mas o amor da patria, o zello da verdade, e particular afeição herdada de meus Paes para as couzas desse Principe, me fizerão oppor a tantos trabalhos. Em Mayo do anno passado de 1625. lhe quis ir beijar a mão e offereçer os uerços desta Monarchia. Tiroume disso o sr. Dom Francisco de mello em Euora, aonde eu cõ elle estaua, E tambem o deixei de fazer enuergonhado de se impedir a pequena obra que lhe offereçi; mas en uingança, o meu liuro da uerdadeira composição do mundo, que estaua feito para o Infante Cardeal, o guardarey para esta caza, ou para algum seu Infante, se ouuer occasião disso; e senão morrera sepultado com outras obras minhas, e cõ outros Anacephaleoses.

X

**Carta de Manuel Bocarro Francês
a Francisco de Sousa Coutinho**¹

Recebi a de V. E. de 6 do passado, e já cá aviamos sabido de sua boa chegada que muito nos alentou, tomando por boa estrea o ser no tempo do felice successo de Eluas, que eu auia predito antes a V. E.

Agora conuem que esses senhores se resolução em semelhantes emprezas, e que S. Mag.^o as endereçe com o prudente conselho de V. E., porque agora mais se lhe predizem sumas felicidades.

Muito sinto o equiuoco que ahi se toma de aquelle Heroe, que o dizer-se que vem já por Italia he o mesmo que negar-se, e quando hade vir he impossuiel saber-se, nem eu o pude nunca alcançar, sendo que se ha pronosticado que ha de ser de repente, e do mesmo modo que o senhor Rey D. Joao o 4.^o que Deos tem, restituído a seo Reino. Da mesma maneira o Heroe encoberto ha de formar sua monarchia de repente, de modo que não se ha de dizer que uem por tal ou tal parte, senão heilo aqui obedecido de todos os Reys do mundo.

A paz de França não assombre a esses senhores, se bem lha puderão auer impedido por maons de V. E. como tantas vezes escreui. Breuemente que a noua Reyna com a antiga *Hispanis inimica soror* que só a paz de Portugal será firme e util á Coroa castelhana.

¹ Da cópia no Cod. $\frac{CV}{1-6}$ da Bib. de Évora, a fl. 195 v, com o título: *Carta que Manoel Bocarro Frances escreueo de Liorne a Francisco de Sousa Coutinho, chegado a Lx.^a da Embaixada de Roma em 27 de Mayo de 1659.*

XI

Índice de um volume de textos sebastianistas da Biblioteca Nacional ¹

1.º Discursos Alegoricos sobre a vinda de D. Sebastião... e os particulares favores que faz a mão Divina, e lhe prometeu fazer para bem da sua Igreja. 2.º Profecias sem Author. 3.º Profecia de S. Francisco Xavier, vindo de Goa em 1508. 4.º Profecias de D. Miguel de Castro. 5.º Profecias que se acharam em Roma da Sibila de Comóa. 6.º Ditos da Sibila Cassandra. 7.º Ditas da ilha da Madeira autentica. 8.º Dias afflictos que tem o Anno, segundo a observação dos melhores Mathematicos. 9.º Ditos de Santo Isidoro. 10.º Vatecinio de um Irmitão Romano. 11.º Ditos do Mouro Mil Nabuco. 12.º Ditos do Ourives de Braga. 13.º Profecias de S. Damaso Portuguez. 14.º Frei Alonço Cavalheiro diz assim, etc. 15.º Livro segundo da continuação da *Monarchia Lusitana*, e mais profecias a respeito do Encuberto, Imperador Uniuersal, tiradas de varios Authores. 16.º Resposta Profetica que frei João de Barroca deu a D. João I. 17.º Profecias de S.º Egidio. 18.º Versos que apparecerão no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. 19.º Aforismos de Bocarro. 20.º Estancias de Francisco Rodrigues Lobo, Camões e Bocarro. 21.º Relação dos socessos

¹ Ms. Cod. 8627. Intitula-se: *Catalogo das Profecias escriptas fielmente de seus originaes no anno de 1809*. E' copiada a collecção de escritos em igual sentido ali existentes. Compare-se este índice com o de um códice da Biblioteca da Ajuda transcrito por Teixeira de Aragão em *Diabruras, santidades e prophcias*, pag. 142, e o do *Jardim Ameno*, na *Deducção chronologica*, P. I., Div. IX, § 350.

que teve o Patacho N. S. da Candelaria, que foi varar na Ilha incognita em 1693. 22.º Trovas ou profecias achadas em huma gaveta de Elrei D. João 3.º. 23.º Noticias da Ilha emcuberta. 24.º Prophecias de D. Vasco Perdigão. 25.º Copia de huma carta dando noticia da armada de D. Sebastião. 26.º Relação de um prodigio em Marrocos em 1737. 27.º Prophessia de S. frei Gil. 28.º Dita do Abbade Joachim. 29.º Revelação achada em alguns livros. 30.º Trovas do Bandarra. 31.º Prophessias do ourives de Braga. 32.º Oitavas que se acharam no mosteiro de Belem. 33.º Prophessias de um Religioso da ordem de S. Bernardo. 34.º Trovas feitas pelo doutor Pedro de Freitas ². 35.º Coplas que D. Sebastião ouviu cantar vindo de Guadalupe. 36.º Sentença do papa Clemente 8.º a favor de D. Sebastião. 37.º Dita de Paulo 5.º 38.º Dita de Urbano 8.º 39.º Carta do P. Fr. Bernardino de Sena. 40.º Prophecias tiradas de um livro inglês. 41.º Prophessias que se acharão entre hūs papeis de hum Hermitão virtuozo de N. S. do Monsarrate. 42.º Epitáfio latino em uma sepultura encontrada junto ao cabo de S. Vicente no Algarve. 43.º O mesmo epitáfio em portugês. 44.º Oitavas do mosteiro de S. Sabba, que está entre Jerusalem e Jericó, trazidas por um peregrino. 45.º Prophessias de Inglaterra. 46.º Na igreja de Alenquer em uma sepultura se acharam umas letras góticas, etc. 47.º Profecia achada em um alicerce de Cascais. 48.º Soneto que se pos na porta do Passo de Madrid. 49.º Profecia do sapateiro Simão Gomes. 50.º Profecia em Roma. 51.º Profecia de S. Francisco Xavier, 52.º Versos que se acharam junto ao sepulcro do apostolo S. Tomé. 53.º Profecias de Santo Amadeu. 54.º Extracto da *Historia de Valença* pelo licenciado

² Aliás Pedro de Frias.

G.^{as} Escolano, reitor da paróquia de S.^{to} Estêvão. 55.^o Profecia de Santo Isidoro. 56.^o Versos que se acharam em um livro gótico. 57.^o Loucura da pretinha Luisa. 58.^o Profecias de S. Cristóvão. 59.^o Conversação Sebastica. 60.^o Carta de Maluco, imperador de Marrocos. 61.^o Ditos jocosos. 62.^o Prognóstico de Miguel Nostradamus. 63.^o Missão do Oriente do padre Abreu Martins, hebreu de nação. 64.^o Coplas que ouviu Elrei D. Sebastião, vindo de Guadalupe ¹. 65.^o Cartas da beata de Evora. 66.^o Profecia de Fr. Francisco Ximenes. 67.^o Vaticinio 27 do Abbade Joaquim ou Santo Alberto. 68.^o Resposta de uma pergunta que se fez ao Bandarra. 69.^o Profecia de D. Pedro 1.^o que ressuscitou para declarar um pecado. 70.^o Dita de frei Alonso Cavalheiro ². 71.^o Profecias que se acharam em manuscrito no mosteiro de S. Martinho de Tibães. 72.^o Ditas de um leigo, frei Lino de Linhares. 73.^o Profecias que apareceram no convento de Mafra. 74.^o Ditas achadas na cidade de Calcedonia em 1325. 75.^o Ditas de Supico. 76.^o Ditas de uma religiosa. 77.^o Ditas de um ermitão de Roma ³. 78.^o Coplas que cantou um monge junto a um caminho por onde passou Elrei D. Sebastião. 79.^o Prophecias do Cartuxo. 80.^o Varios casos que succederam depois da perdição de Elrei D. Sebastião. 81.^o Profecias de um demente. 82.^o Os dois Peregrinos. 83.^o Cópia do Bandarra falando com D. João de Portugal bispo da Guarda ⁴. 84.^o Profecia de Santo Adriano. 85.^o O veneravel Bartholomeu Holzhanser.

¹ Duplicata.

² Idem.

³ Id.

⁴ São as Trovas da primeira série, incompletas e muito estropeadas.

XII

Epitáfio do Bandarra³

Copia de huma certidão que da Villa de Trancozo mandou o P.^e Esteuão Caldeira que contem o letreiro da sepultura de Gonçalo Annes Bandarra e a propria foi para o Conselho em 28 de 9.^{to} de 665

Certefico eu o P.^e Esteuão Caldeira Cura na Igreja de Santa Maria de Guimarans desta Villa de Trancozo, e escriuão do Arceprestado della que he uerdade que na Igreja de São Pedro cita na praça desta Villa, pera a parte do Alpendre entre o altar de Santo Antonio, e porta trauessa da mesma Igreja, na parede della está leuantada huma sepultura de pedra lavrada que tem hum letreiro com as letras seguintes. Aqui jaz Gonçaliannes Bandarra natural desta Villa que profitizou a restauração deste Reino, e que hauia de ser no anno de seiscentos e quarenta por el Rey Dom João o quarto nosso Senhor, que hoje Reina, faleceo na era de mil e quinhentos, e quarenta e sinco. Esta sepultura mandou fazer Dom Aluaro de Abranches sendo general da prouincia da Beira, e se acabou governando nella as armas João de Saldanha de Souza a uinte e outo de feuereiro de mil e seiscentos e quarenta e dous. — E não dizião mais as ditas letras, e por verdade passei a presente por mim feita e assinada em Trancozo aos uinte dias do mes de outubro de

³ Documento no processo do Padre Antonio Vieira, n.º 1664 da Inquisição de Lisboa, fl. 82.

mil e seiscentos e setenta e tres annos. O P.^o Esteuão Caldeira que o escreuy e assinei.— O P.^o Esteuão Caldeira.

A qual certidão tresladei bem e fielmente da propria a que me reporto — *Simão Nogueira*.

XIII

Denúncia contra frei Bernardo de S. José e outros na Inquisição de Lisboa ¹

Aos treze dias do mes de Abril de mil e setecentos e sessenta e hum annos em Lisboa nas casas e morada do Illustrissimo Senhor Dom Nuno Alvres Pereira de Mello Deputado do Conselho Geral, estando ahy o dito Senhor mandou vir perante sy a José Antonio de Oliveira Machado do Desembargo de Sua Magestade, e Escrivão da Junta da Inconfidencia natural da Cidade de Evora, e morador nesta de Lisboa no Forte da Junqueira, e sendo presente lhe foy dado o juramento dos Santos Evangelhos em que pôs a mão sob cargo do qual lhe foi mandado dizer Verdade, e ter Segredo o que tudo prometeo cumprir, e disse ser de sessenta annos de idade. Perguntado que he o que tem que denunciar na Mesa do Santo Officio. Disse que elle vem denunciar neste Tribunal como competente do Padre Frey Bernardo de São José Religioso de São Francisco da cidade aonde he Conventual, e das mais pessoas que nesta denuncia declara pela maneira seguinte. Que sendo no mez de Outubro do anno de mil sete centos, e sincoenta e nove, denunciarão certas testemunhas no Juizo da Inconfidencia contra

¹ Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, processo n.º 8619 da Inquisição de Lisboa, fl. 5.

hum Alexandre José Catella por vaticínios, e profecias, que fazia contra este Reino, contra Sua Magestade, contra o seo governo, e ministerio predisendo fatalidades, afirmando mortes desgraçadas a huns, e que outros havião morrer infamemente, e isto por causas que só para sy reservava; e quando lho duvidarão, dizia — que quem duvidava as sobreditas couzas negava os misterios da Fé, por ter profecias que assim o diziam — E huma, que a expulsão dos Jesuitas era sinal evidente da ruina deste Reino, assim como tinha sido premio que Deos lhe quisera dar quando para elle vierão os ditos Padres. E que elle tinha amisade e costumava hir a Casa de hum clérigo chamado Luis Antonio, que morava em Bellem, e com o denunciado Frey Bernardo de São José com quem tambem tratava, e este comunicava com Deos, ou era director de quem comunicava com o mesmo Senhor, e que cada vez que sahia das converçassões, que tinha com o dito denunciado, dizia que sahia com os ouvidos quentes, do que lhe ouvia a respeito das ditas profecias. Como tudo constará melhor das testemunhas da sobre dita denuncia, que elle denunciante tirou como Escrivão e adjunto da mesma Inconfidencia. Cauzas por que o sobre dito Alexandre José Catella foy prezo em segredo, e se lhe fiserão perguntas, e dellas, e de suas repostas tãobem consta confessar a crença que tinha com o denunciado Frey Bernardo de Saõ José e que este lhe dicera, que huma religioza de Santa Anna sua confessada tinha muitas revelações de Deus nosso Senhor, e lhe declarou huma: Que o Baptista, que era o director da dita religioza lhe dissera o quanto o mesmo Senhor estava agravado deste Reino, e desta Corte, que a não tinha acabado por intercepção de Nossa Senhora, mas que receava mais castigos, que o terremoto. E que tão bem outra confessada do mesmo

convento tinha tão bem revelações, que o Senhor lhe mandava por São Miguel Archanjo, que em substancia vinhão a ser as mesmas: O que tudo elle Catella cria, e muito mais, porque o denunciado estava escrevendo a vida de huma das ditas religiosas, e que por esta cauza dizia, que sahia com os ouvidos quentes do que ouvia ao denunciado: ao qual tão bem ouvia dizer — que o sacrilego assassinio, que na noite de tres de Setembro se fizera a Sua Magestade, assim havia de succeder, porque assim tinha sido revelado á Madre Leocadia e assim constava de huma profecia de Bocarro — E que estas mesmas conversações tinha elle Catella com o dito Padre Luis Antonio, o qual applicava os lugares da Escripura, e ditos dos Profetas aos casos, que socedião; e que este mesmo Padre dizia tinha achado huma profecia, que mostrava, que certo Ministro da primeira grandeza, que declarou, havia morrer justicado, porque metido em huma imprensa, aonde se havia ir apertando athe acabar a vida á vista de todo o povo, e que se lhe havia extinguir as cinzas; e que isto mesmo tinha elle dito Padre Luis Antonio visto em sonhos, de sorte que quem ouvia ao dito Padre, parecia que não havia mais verdade, por provar com a Escripura os discursos que levantava, pondo em grande duvida se a conjuração fora feita contra sua Magestade, ou contra os infelizes Fidalgos. E que duas profecias que chama de Santa Brisida, cujas copias se achão appensas ás perguntas do dito Catella, que ameaçavão a hum Rey, e a hum mau Conselheiro, applicava o dito Padre ao tempo presente, e que o mesmo Padre lhe dera outro papel que tão bem anda appenso ás mesmas perguntas, e he o numero sexto, no qual se mostrava que se havia de tirar a coroa a ElRey. Disse mais que com a prova, e com os documentos, que fazião relação ao

denunciado Frey Bernardo de São José, foy Sua Magestade servido mandalo recolher nos carseres do seu convento, aonde se acha, e elle denunciante com o guardião fizerão esta diligencia, e a da apreheção dos papeis, os quaes elle denunciante examinara, e achara entre outros, que o denunciado era director, e Padre espirital de diversas freiras, ou beatas, como era huma chamada Maria Ignacia do Convento de Santa Anna desta corte, de quem elle estava escrevendo a vida, e a quem dá o titulo de Veneravel Madre, cuja profissão diz lhe fizera São Francisco com muitos Anjos com assistencia da Virgem Santissima, que fasia o officio de Prelada, e outros favores, e revelações, que Deos nosso Senhor lhe fizera, como consta de huns borrões da letra do dito denunciado. E de outra chamada Maria Joaquina do mesmo Convento, cuja vida ella propria de sy escreveu por mandado do denunciado, que este estava trasladando, e compondo, dando-lhe tão bem o titulo de Veneravel Madre, com muitas e admiraveis revelações, entre as quaes declara huma — que Nossa Senhora lhe revelara grandes castigos contra sua Magestade pelo mal que governava pelo seo Ministro, que o apartasse de sy, ou Largasse o Reyno — Cujá revelação ella mandara a hum Frade arrabido chamado Frey Antonio da Madre de Deos, que este lhe não aprovou pelas graves consequencias que della podião resultar, sabendo Sua Magestade que Nossa Senhora tal revelara, e que queimasse logo o dito papel, como deste consta, e mais documentos, que forão achados ao denunciado. E de outra chamada soror Luiza do Monte Carmello do Convento de Santa Clara da Cidade da Guarda, cuja prodigioza vida diz o denunciado, que principiara a escrever. O que consta das virtudes desta Santa, que elle tem por tal, de seis cartas da sua letra

escriptas ao denunciado, e blasfemar de ElRey, dizendo — que não era digno das attenções de Deos, que sendo santo antes de Rey, o não era depois de o ser; que desagradara a Deos por agradar á Rainha; que fora auxilio de Deos o tiro que a dita Senhora lhe dera nos olhos; que o terremoto succedera por Sua Magestade não querer acceitar huma novena do Baptista, que ella lhe dedicava, e que isto assim lhe fora revelado em hum visão do Senhor Crucificado — Como tudo consta das mesmas cartas. E de outra beata terseira de São Francisco, chamada Francisca de Jesus Baraduque, que duas vezes foy cazada, cuja vida consta de quarenta folhas de papel escriptas pela mesma beata de mandado do denunciado, a que este tinha dado principio a pôr em limpo para se imprimir com o titulo — *Exemplarissima e prodigiosa vida da veneravel serva de Deos Francisca de Jesus Baraduque com muitas revelações, visões e incomparaveis favores de Deos* — como tudo consta dos mesmos documentos. Disse mais que o denunciado era também director, e Padre espiritual de outra Freira de Santa Anna, chamada Soror Mariana Ignacia de São Miguel, cuja vida elle denunciado lhe mandara escrever, e consta de varios maços de cartas escriptas por outra Freira do mesmo Convento mandadas ao denunciado, e este lhe principiara a compôr a vida e depois a mandou pôr em limpo, e já se estava para se imprimir, e a pôr em limpo outro Frade da mesma ordem chamado o Penajoya então recluso em segredo nos carseres do mesmo convento de São Francisco da Cidade por ordem do mesmo senhor, donde depois segunda vez fugira, e de quem o denunciado era tão bem Padre Espiritual, como consta de huma carta de outro Frade para o denunciado em que lhe diz o mau procedimento do dito Penajoya. Dando por titulo á sobredita

vida — *Clarim do Ceo, dirigido ás almas que trataõ da virtude pela veneravel Madre Soror Mariana Ignacia de São Miguel religiosa professa da veneravel ordem terceira da penitencia do nosso Padre São Francisco no Mosteiro de Santa Anna de Lisboa.* — Aonde mostra quasi infinitas revelações, e extraordinarios favores, que Deos lhe fizera. Mostra, que a eleição do denunciado para seo director lhe fôra revelada e escolhido por Deos, pelas suas grandes virtudes; e lhe vira a sua alma em figura de huma candida nuvem, em que estava o menino Deos. Que em Março de sincoenta e seis ella tivera huma visão, em que vira huma guerra infernal contra as religiões, e que estas, depois de peiejarem, havião vencer. Que elle denunciado lhe tinha pedido a ella pela soltura de certo preso, que era elle Penajoya, e que o Senhor lhe respondera: que pedisse ella pelo perseguidor, ou quem era a cauza da prisão, que com o preso estava o Senhor, e contra quem era a cauza estava huma espada dezembainhada. Que no anno de sincoenta e oito, e dia em que sua Magestade fazia annos, pedira ella pelo dito senhor, porem que tivera huma vizão, que Christo senhor [nosso] batia com grande força ao coração de ElRey, que lhe não queria abrir, e isto lhe dera a ella grande temor, porque esta força era obrar a justiça divina, cauza por que pedira ao Senhor não quebrasse as fechaduras, e arrombasse as portas, mas sim com sutil engenho abrandasse aquella dureza. Que ella tivera huma vizão da gloria em que estava a alma da Marqueza de Tavora que foy degolada; e que o Senhor lhe dissera que aquelle era o meyo para logo a unir a sy. Que da mesma sorte lhe revelara Nossa Senhora a salvação da alma do Duque que foy de Aveiro, e que a Senhora lhe dissera, que ella o visitava, e que suposto depois pedia por elle era já com

certeza de que estava favorecido da mesma Senhora. Que outra revelação tivera da mesma Senhora, pedindo-lhe por certo Ministro deste Reino, e que a Senhora lhe dissera, que este era Ministro dos ministros da Justiça divina, e que como tal a mesma Justiça o julgaria. E á margem diz, que isto era o infeliz, e formidavel castigo. E que pedindo ella pelo que tocava a outro, se lhe imprimira, que não estava nesses termos, que convinha fosse deposto. Que ella padecera muito pelo muito que sentia o que tocava aos Padres da Companhia, e muito em particular pelo que tocava ao santo Malagrida. Que no sabbado oitavo dia da funesta tragedia tendo ella commungado só pedira pelo dito religioso, porque o amava, e venerava como a santo, e que este se lhe representara como que o ferião pela garganta a modo de degolado. Ultimamente lhe fora revelado, que querendo Deos nosso senhor castigar todo este Reino, a quem via reo, e merecedor da Justiça divina, lhe comutara o castigo no trabalho dos Padres da Companhia, em cuja pureza de religião achava como satisfação adequada a tantos males; por cujo respeito a divina misericordia pegando nesta taboa, della queria fazer firmeza para não arruinar de todo a Nau, sobre a qual queria a justiça divina descarregar o fulminante rayo da sua vingança, que só descarregou naquella taboa, como sã, e sem corrupção, que sobrestivesse o golpe sobre as ondas de tantos males, ficando por ultimo inteira, e mais robusta no merecimento da sua innocencia. Que era ditoza aquella religião, e ditozos aquelles que se puzessem da sua parte, como tudo consta da mesma vida. Disse mais que por lhe parecer a elle denunciante ser todo o referido contra o serviço de Deos, e do publico, contra o inviolavel respeito, amor, e fidelidade que se deve a ElRey nosso Senhor, e a seo

feicissimo Governo, e contra o sacrosanto respeito que se deve ás revelações divinas, com as quaes supondo-as, ou fingindo-as os denunciados verdadeiras, procurarão sogerir, e espalhar nesta Corte, Reino, e ainda fóra d'elle tudo assima dito, como fez hum Frey Francisco Maria, aliás Manoel de Guimarães frade Barbonio, e Leigo, que escrevendo a Antonio Freire Enserrabodes, Ministro que' então era de sua Magestade Fidelissima na Corte de Roma, em que lhe conta as prodigiosas revelações, e maravilhozos papeis, que por mandado de Christo senhor nosso escreverão as sobreditas Freiras contra Sua Magestade, e contra o ministerio, sobre o que estava Martinho Velho Holdemberg compondo huma historia, que este fora quem lho dissera, mostrara e lera o dito papel, cauza, alem de outras, porque os sobreditos tres Frey Francisco, Martinho Velho, e Enserrabodes forão reclusos por ordem de sua Magestade; posto que o dito Martinho Velho nesta parte declarou, que tinha ouvido a hum Jesuíta, que a huma Freira de Santa Apolonia, estando em Oração Nosso Senhor lhe dissera, que só havia haver alguns castigos particulares para quem se não emendasse, e que só isto escrevera, e que não sabia de papel, que Christo senhor nosso mandasse escrever. Porem consta que logo que o dito Martinho Velho foy prezo ocultarão os papeis, e os meterão em hũa caixa cozida em hum pano, e os derão ao Superior dos Barbadinhos Italianos, e este os entregou ao Padre Manoel Pegado Capellão, e Confessor das Freiras de santa Apolonia, e este a huma Freira do mesmo Convento chamada Roza Michaela de Viterbo, e esta á Condeça dos Arcos que ficou com elles, como tudo consta das ditas cartas, perguntas, e repostas do dito Frey Francisco, e Martinho Velho, e de huma declaração jurada em juizo do dito Confessor e Capellão.

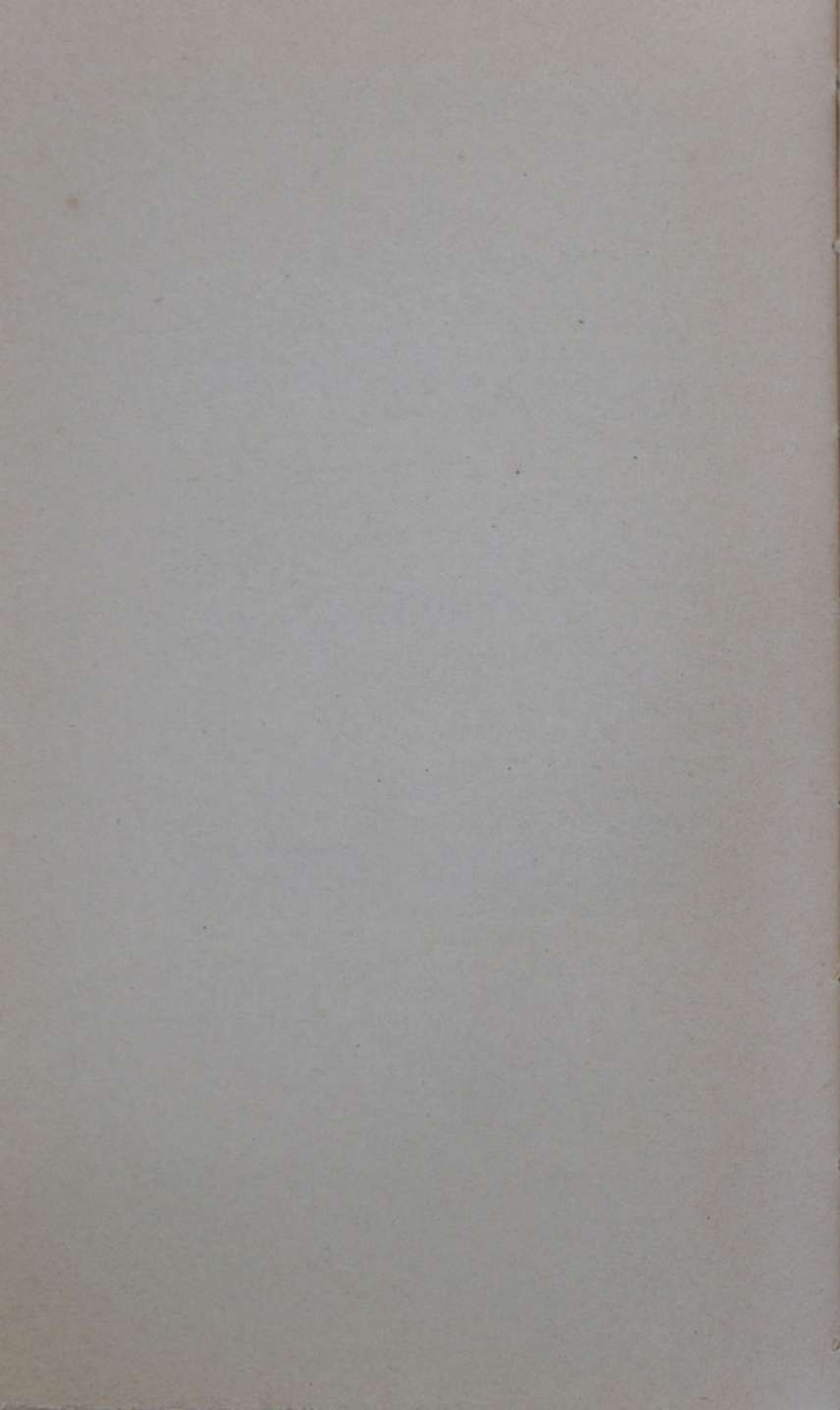
Com isto tudo derão os denunciados principio, e foy a principal cauza das inquietações deste Reino, e da total ruina de muitas pessoas, em quem fizerão mais impressão estas sogestões, e por estas causas, e não por odio, ou má vontade dá a presente denuncia. Perguntado se sabe, ou ouvio que algum dos denunciados de que tem feito menção no seu juramento seja louco, falto de juizo, ou se costuma tomar de vinho, disse que os denunciados que tem tratado em todas as occasiões os achou com juizo e capacidade sem especie alguma de loucura, nem sabe que algum delles em alguma occasião se costumasse tomar de vinho, e mais não disse, e sendolhe lida esta sua denunciação e por elle ouvida e entendida disse estava escripta na verdade e que nella se afirma e retefica, e torna a dizer de novo, sendo necessario, e que nella não tinha que acrescentar, diminuir, mudar, ou emendar, nem de novo que dizer ao costume sob cargo do juramento dos santos Evangelhos que outra vez lhe foy dado, ao que estiverão presentes por honestas, e religiozas pessoas, que tudo virão, e ouvirão e prometerão dizer verdade no que fossem perguntados sob cargo do mesmo juramento, os licenciados Alexandre Henrique Arnaut, e André Corsino de Figueiredo Notarios da Inquisição que ex causa assistirão a esta rateficação e assignarão com o denunciante, e com o dito senhor Deputado do Concelho geral. Francisco de Souza o escrevi. — *D. Nuno Alvares Pereira de Mello — José Antonio de Oliveira Machado — Alexandre Henrique Arnaut — Andre Corsino de Figueiredo.*

XV

Aditamento á nota 56

Segundo Pedro de Mariz a oferta da coroa, em substituição de Carlos v, pelos partidários das Comunidades foi feita a el-rei D. Manuel: «E sucedendo em seu tempo em Castella as cõmunidades (tão decantadas, e lamentadas de tantos) polos muytos dereytos que o Emperador Carlos Quinto cada dia de novo acrescentava e excessivos subsidios de dinheyro que pedia hũs sobre outros: levantandose com a Cidade Tolledo, João de Padilha, fidalgo natural d'ella, e com Çamora o seu Bispo, e outros com as Cidades Burgos, Leão, Soria, Salamanca, Madrid, Touro, Avila, Segovia, Valhedolid, e Cuenca: lhe offerecerão todos estes comuneyros a elRey D. Emanoel os Reynos de Castella e Leão, e Tolledo, que erão os levantados: e que como cousa sua quisesse ajudallos: mas elle estimando mais o parentesco e amizade que jaa tinha com o Emperador seu cunhado, que tão grandes senhorios, como com tanta facilidade lhe offerecião: despresou tudo, e não quis aceytar, o que tanto no mundo se deseja: antes o ajudou contra elles com muyta artilharia e polvora, e cincoenta mil cruzados: sem o qual podéra ser que fora impossivel, ou pelo menos muyto difficultoso, o remedio que logo se seguio, ao principio de tamanha desaventura». *Dialogos de varia historia*, fl. 301 v., ed. de 1598.

INDICE



INDICE

- D. Afonso Henriques, prodigios no logar do seu tumulo, 90.
- D. Afonso VI, imperador do mundo, 116; julgado o Encoberto, 116¹; vencedor do imperio otomano, 117.
- Afonso XI de Castella, extracto da *Cronica em redondilhas*, 19.
- Abravanel Isaac, 27.
- Aljubarrota, juizo sobre a batalha, 99.
- Alvares, Pero, testemunha do Bandarra, 11.
- Alvares, Padrê Luis, sermões contra o dominio castelhano, 83.
- Anchieta, Padrê José, afirmações ácerca de D. Sebastião, 84.
- Andrade, Francisco de, preságio a D. Sebastião, 39.
- Antilha, ilha do Encoberto, 129.
- Antiveyra, escripto de refutação sobre o Bandarra, 123; cit., 128.
- Apocalipse, o numero da Besta indica o anno de 1666, 119.
- Arte de furtar, cit., sobre a valentia portuguesa, 100.
- Artur, rei de Inglaterra, 129.
- Bandarra, Gonçalo Anes, 7, processo no Santo Officio, 8; informação sobre a qualidade de christão novo, 165; perguntas, 166, e seg.; sentença, 172. *Trovas*, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 25, 26. Noticia por D. João de Castro, 49. É exposta a sua imagem na Sé de Lisboa, 100. Sepultura em Trancoso, 101. Mercê a um descendente, 102. A Inquisição manda-lhe apagar o epitáfio, 134. Certidão sobre o mesmo, 240.
- Basto, Irmão Pedro de, visão de D. Sebastião, 85.
- Belilla, sino de, toca, por si annunciando a Restauração de Portugal, 105.
- Belot, João, prognosticos sobre a Restauração, 91.
- Bernardes, Padre Manuel, cita as profecias de S. Frei Gil, 116; juizo sobre as mesmas, 116.
- Bernardo de S. José, Frei, denunciado ao Santo Officio por vaticínios contra o governo de D. José.
- Bocarro Francês, Manuel, quem era, 72; publica o poema *Anacephaleosis*, 73; e a *Luz pequena lunar*, 76; extracto da *Anacephaleosis*, 229 e seguintes; id. da *Luz pequena lunar*, 232 e seg.; carta a Francisco de Sousa Coutinho, 236.
- Brandão, Thomaz Pinto, poeta humoristico, zomba dos sebastianistas, 138.
- Breves falsos a favor de D. Sebastião, 55, 113.
- Bugalho, Gil Vaz, desembargador, acredita no Messias de Setubal 28, 29.
- Camões, sobre D. Sebastião, 38.
- Carlos V, descontentamento contra o seu governo, 20. *Historia de la vida y hechos*, por Sandoval cit., 21, 23.

¹ Os algarismos em italico indicam a referencia ás notas no baixo da pagina.

- Cartuxo de Laveiras, *Discurso* sobre a vinda de D. Sebastião, 122.
- Castro, D. João de, vê pela primeira vez as *Trovas* do Bandarra, 40; traços biographicos, 42; obras, 54; sncontra-se com o suposto D. Sebastião, 55; escrevê á Rainha Isabel de Inglaterra, 57; juizo sobre as *Trovas*, 60; carta aos Lords do Conselho Privado, 198; sua infancia, 201 e seg.; estudante em Evora, 205 e seg.; deixa o collegio dos jesuitas, 212 e seg.; segue a causa do Prior do Crato, 214; aderente do sebastianismo, 218 e seg.; vida em Paris, 221; socorros que recebe de diversos, 226 e seg.; privações que passa 227. *Paraphrase do Bandarra*, cit. 18, 47, 52, 59; *Quinta monarchia*, 24; *Discurso da vida de D. Sebastião*, 44 e seg.; outras obras, 42, 68, 50, 69, 70.
- Catella, Alexandre José, 144; denunciado á Inquisição, 242.
- Catizone, Marco Tullio, 41, 68.
- Conselheiro, Antonio, iluminado seguido pelas populações na Bahia 158.
- Cordel triplicado, sermões sob este titulo ácerca do Encoberto, 112; cit., 114.
- Coutinho, Francisco de Souza, applica as *Trovas* do Bandarra ao Infante D. Duarte, 106; é a um heroi das guerras de Italia, 118.
- Couto, Padre Alexandre do, autor do *Brado do Encoberto*, 134.
- Cunha, Euclides da, sobre o sebastianismo no Brasil, 157.
- Cunha, Padre Nuno da, 80.
- Dias, Luis, de Setubal, tido pelo Messias, 12, 27; Processo no Santo Officio; libelo, 174; carta achada em seu poder, 176; testemunhas, 177; sentença, 178; abjuração, 182. Segundo processo, 184; libelo, 189; apelação, 193.
- D. Duarte, Infante, indicado nas profecias, 65, 88, 106;
- Encoberto, não é invenção do Bandarra, 19; em Espanha, 23; é D. João IV, 88; e D. João de Austria, 107; e D. Afonso VI, 116.
- Espelho de lusitanos, cit., 79, 87.
- Fernandes, João, cristão novo, 173.
- Freira da Anunciada, 53.
- Freiras que tem revelações contra o rei D. José e seu governo, 244 e seg.
- Frias, Frei Pedro de, *Coplas* 22, 22, 48.
- Gomes, Simão, sapateiro de S. Roque, 48. Publica-se a sua vida, 84.
- Guevara, Antonio de, 66.
- Homem, Frei Manoel, cit., 94.
- Ilha do Encoberto, origem, 128; descripção, 130; piloto que a descobrê, 130; visitada por uma mulher de Lisboa, 133.
- Ilha da Madeira encoberta, 129.
- Ilhas empoadas, 129.
- Isidoro, Santo, arcebispo de Sevilha, profecias, 20, 46.
- Jardim ameno, compilação sebastianista, cit., 86; noticia, 105.
- Joachim, Abade, 45.
- D. João de Austria, o Encoberto, 107.
- D. João III, 66, 66.
- D. João IV, nomeado pelo Bandarra, 65; o Encoberto, 88.

- Lusitania liberata, 102; trechos do Bandarra traduzidos, 103.
- Macedo, Antonio de Sousa, aplica as profecias a D. João IV, 102.
- Macedo, José Agostinho, contrario aos sebastianistas, 146, 149.
- Machado, Diogo Barbosa, sobre o sebastianismo, 135; sobre a obra de uma freira sebastianista, 136.
- Malco, ou Molco, Salomão, vej. Diogo Pires.
- Manassés ben Israel, cit., 33.
- D. Manuel, rei, oferecem-lhe os comuneiros a coroa de Espanha, 250.
- Manuel, Diogo, protector de D. João de Castro, 225.
- Melo, D. Francisco Manuel, sobre o sebastianismo, 83, 89.
- Mendes, Francisco, cristão novo, carta ao Bandarra, 10, 10, 12, 25.
- Meneses, D. Antonio, sectario de D. Sebastião, 219; parte em busca d'êlé para a Africa, 220; sua morte, 221.
- Merlin, na tradição popular, 18, 20.
- S. Methodio, profecias, 45.
- Milagres na historia portugueza, 96.
- Montenegro, Diogo, testemunha do Bandarra, 11.
- Napoleão, anunciado pelo Bandarra, 147.
- Oldemberg, Martinho Velho, noticia sobre o seu processo, 248.
- Pacheco, Pantaleão Rodrigues, faz referencia ao Bandarra, 104.
- Paiva, Sebastião, seu Tratado da quinta monarchia, 112.
- Pires, Diogo, ou Salomão Malco, discipulo de David Rubeni, 30, 32, 33.
- Pombal, Marquês de, 67, 140 e seg.
- Portugal cuidadoso e lastimado, cit., 136.
- Preto do Japão, 134.
- Puget, João, prognosticos sobre a restauração, 91.
- Restauração de Portugal prodigiosa, como conta dezasseis gerações de D. Afonso Henriques a D. João IV, 93; quem foi o seu autor, 96.
- Rocacelsa, Coplas, 25, 26.
- Rodrigues, Irmão Afonso, visão de D. Sebastião, 85.
- Rubeni, David, precursor do Messias, 30, 33, 34.
- Santos Paes, partidario de D. Sebastião, 220.
- Sapateiro santo, vida de Simão Gomes.
- Sebastianismo, bibliografia, 6; seu inicio, 40; antes da Restauração, 86; no reinado de D. João IV, 111; na regencia e reinado de D. Pedro, 132, 134; no tempo de D. João V, 135; no de D. José, 139; no da invasão franceza, 145; depois de 1820, 152; no Brasil, 155 e seg.
- Sebastianista, o ultimo 153.
- Selaya, inquisidor castelhana, carta a D. João III, 194.
- Teive, Diogo de, 38.
- D. Theodosio de Bragança, apontado como o Encoberto, 75.
- Trovas do Bandarra, como se divulgaram, 36. Variantes, 60, 61, 63, 64, 110. Segundo e terceiro corpo, 137. Ultimas edições, 154.
- Vieira, Padre Antonio, profecia sobre a ressurreição de D. João IV, 108, 109; escreve as Esperanças de Portugal, 109; interpretando o Bandarra, 110; variações sobre o Encoberto, 125.
- Vox turturis, cit., 104.

11 - P.

13 - P.P.

18 -

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

17, Praça dos Restauradores, 17—LISBOA

A. Albalat

<i>A formação do estilo pela assimilação dos autores.</i> Tradução do Dr. Candido de Figueiredo. 1 vol.	800
<i>Arte de escrever ensinada em 20 lições.</i> Tradução do Dr. Candido de Figueiredo. 1 vol.	800

Filho d'Almeida

<i>Barbear, pentear.</i> 1 vol.	800
<i>Saibam quantos...</i> 1 vol.	700
<i>Os Gatos.</i> 6 vol.	4\$200
<i>Contos.</i> 1 vol.	800
<i>Cidade do vicio.</i> 1 vol.	800
<i>Paiz das Uvas.</i> 1 vol.	800
<i>Vida ironica.</i> 1 vol.	800
<i>Á Esquina.</i> 1 vol.	700

Hall Caine

<i>Filho prodigo.</i> Notavel romance inglês, tradução de J. Leite, prefaciado por D. Maria A. de Carvalho, 2. ^a edição. 1 vol.	1\$000
<i>Cidade eterna.</i> 1 vol.	800
<i>O Apostolo.</i> 1 vol.	800

Dr. Sousa Costa

<i>«Sempre Virgem».</i> 1 vol.	800
<i>Regresso á felicidade</i>	600
<i>Romeu e Julieta</i>	0
<i>Como se vingam mtheres.</i> Comedia.	250

Ruy Chianca

<i>Por um beijo.</i> Um acto em verso. 1 vol.	250
<i>Aljubarrota.</i> Drama historico em 4 actos, em verso. 1 vol.	600
<i>O Santo Condestabre.</i> 1 vol.	500
<i>D. Francisco Manoel.</i> Drama historico em 4 actos, em verso. 1 vol.	700
<i>Nun'Alvares,</i> peça em 4 actos.	700

D. Virginia de C. e Almeida

<i>Capital bemdito.</i> (Romance). 1 vol.	700
<i>Ceu aberto.</i> (Livro para creanças). 1 vol.	900
<i>Coisas que eu penso.</i> 1 vol.	800
<i>Como devo governar a minha casa.</i> 1 vol.	1\$000
<i>Como devemos crear e educar os nossos filhos.</i> 1 vol.	1\$000
<i>Em pleno azul.</i> (Livro para creanças) 1 vol.	800
<i>Fé.</i> (Romance) 1 vol.	700
<i>Geografia</i> (Livro para as mães). 1 vol.	400
<i>Lições do André.</i> (Noções de sciencias e de moral, para creanças). 1 vol.	600
<i>A Mulher.</i> 1 vol.	900